

A CULTURA E AS VIVÊNCIAS DOS POVOS ORIGINÁRIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INVESTIGANDO E AMPLIANDO REPERTÓRIOS

*CULTURE AND EXPERIENCES OF ORIGINAL PEOPLES IN
EARLY CHILDHOOD EDUCATION: INVESTIGATING AND
EXPANDING REPERTOIRES*

Francieli Andreatta Brudna

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí e Secretaria Estadual de
Educação do Rio Grande do Sul, Brasil

Fabiana Dieli Cassol

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí e Secretaria Estadual de
Educação do Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo: Este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido na Educação Infantil, com o objetivo de investigar e ampliar o repertório cultural das crianças por meio do contato com a cultura dos povos originários. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola urbana do Município de Ijuí, RS, com crianças do Pré I e Pré II. O projeto explorou vivências e práticas relacionadas à alimentação, aos brinquedos e brincadeiras, bem como ao plantio e cultivo de plantas medicinais. A metodologia adotada privilegiou a investigação ativa, permitindo que as crianças interagissem e ampliassem seus conhecimentos por meio da pesquisa, exploração e experiência. Os resultados indicam que a imersão em vivências culturais diversificadas contribui significativamente para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional das crianças.

Palavras-chave: Cultura Indígena; Aprendizagem Significativa; Diversidade Cultural; Criança; Desenvolvimento Infantil.

Abstract: This article presents an experience report developed in Early Childhood Education, with the objective of investigating and expanding the cultural repertoire of children through contact with the culture of indigenous peoples. The research was developed in an urban school in the municipality of Ijuí, RS, with children from Pre-I and Pre-II. The project explored experiences and practices related to food, toys and games, as well as the planting and cultivation of medicinal plants. The methodology adopted favored active investigation, allowing children to interact and expand their knowledge through research, exploration and experience. The results indicate that immersion in diverse cultural experiences contributes significantly to the social, cognitive and emotional development of children.

Keywords: Indigenous Culture; Meaningful Learning; Cultural Diversity; Child; Child Development.

Introdução

A Educação Infantil desempenha um papel essencial na formação das crianças, especialmente no contato com diferentes culturas. Com isso em mente, este projeto foi desenvolvido com o objetivo de reconhecer, explorar e valorizar a cultura dos povos originários, destacando suas práticas alimentares e educativas no contexto da educação infantil. O foco central foi a mandioca, um alimento amplamente utilizado pelos povos originários e presente na culinária da maioria das crianças.

Ao longo do projeto, as crianças tiveram contato com elementos da cultura dos povos originários, como a alimentação, brincadeiras e o plantio e cultivo de plantas medicinais. A metodologia utilizada privilegiou a investigação ativa, por meio de pesquisa, observação, exploração de materiais concretos e vivências práticas. Com isso, buscou-se ampliar o repertório cultural das crianças, incentivar a pesquisa sobre práticas alimentares e culturais dos povos originários, e estimular a experimentação de novos sabores, aromas e texturas. Além disso, a análise das experiências vividas possibilitou observar como essas atividades influenciaram positivamente no desenvolvimento social, cognitivo e emocional das crianças.

A Educação Infantil e o aprendizado por experiência

A Educação Infantil é reconhecida como a primeira etapa da educação básica e tem um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), essa fase deve considerar as dimensões física, emocional, cognitiva e social da criança, assegurando experiências que promovam sua autonomia, criatividade e a construção do conhecimento por meio das interações.

A BNCC enfatiza que “a criança é um sujeito histórico e de direitos, que interage, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2018, p. 32).

Nessa perspectiva, a criança não é vista como um ser passivo que apenas recebe informações, mas como um sujeito ativo que aprende por meio da exploração, da experimentação e das interações sociais (Vigotsky, 2007). Esse entendimento também é reforçado pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), que destaca a importância das experiências significativas para o desenvolvimento infantil e a necessidade de um currículo que valorize a participação ativa das crianças em diferentes contextos.

O Referencial Curricular Municipal para a Educação Infantil do Município de Ijuí, RS segue essa mesma linha e amplia a visão sobre a criança como um ser social que constrói conhecimento a partir das relações com o mundo ao seu redor. O documento destaca que:

A criança é um sujeito competente, capaz de pensar, sentir, pesquisar e aprender, de um modo válido e singular, em que crianças e educadores são parceiros no processo de construção da aprendizagem (Referencial Curricular Municipal, Educação Infantil, Ijuí, RS, 2020, p. 15).

Dessa forma, o papel do educador não é apenas transmitir conhecimentos, mas criar um ambiente que favoreça a investigação e o aprendizado com significado. Como aponta Guimarães, o espaço escolar deve ser planejado de forma a incentivar a curiosidade e permitir que a criança tenha autonomia para explorar, interagir e descobrir o mundo ao seu redor: Conforme Guimarães (2009, p. 94), “se pensarmos uma criança ativa, exploradora e criadora de sentidos, é preciso pensar um espaço e um educador que deem apoio aos seus movimentos, que incentivem sua autoria e autonomia, que contribuam para a diversificação de suas possibilidades”.

A teoria sociointeracionista de Vygotsky (2007) também corrobora

essa perspectiva, ao afirmar que a aprendizagem ocorre por meio da interação social e do contato com elementos culturais. Para ele, o conhecimento é mediado por experiências compartilhadas e pelo diálogo com outras pessoas, sejam educadores, colegas ou membros da comunidade. Assim, a criança aprende e se desenvolve em um ambiente de trocas, onde o brincar, o investigar e o experimentar desempenham um papel central.

A Educação Infantil deve, portanto, valorizar práticas pedagógicas que considerem a cultura infantil, os saberes prévios das crianças e as interações sociais. Como destaca Dewey (1959), a aprendizagem deve estar conectada à realidade do aprendiz, permitindo que ele vivencie situações concretas que ampliem sua compreensão do mundo.

A investigação da mandioca: um enfoque sensorial e cultural

o estudo da mandioca foi um ponto central para a investigação cultural, permitindo que as crianças tivessem um contato direto com esse alimento fundamental na alimentação dos povos originários e na casa de muitas famílias da nossa região. Durante a exploração da planta, elas puderam observar e analisar suas diferentes partes – raiz, folhas e caule – desenvolvendo uma percepção mais ampla sobre suas características físicas e sua importância histórica e cultural. Segundo Vygotsky (2007), a aprendizagem ocorre de forma mais significativa quando mediada pela experiência e pela interação com o ambiente, possibilitando que a criança construa conhecimento de maneira ativa.

A abordagem sensorial adotada no projeto seguiu os princípios da pedagogia ativa, que enfatiza a importância do aprendizado por meio da experiência concreta. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), a Educação Infantil deve proporcionar situações que estimulem a curiosidade, a exploração e a investigação, favorecendo a formação integral da criança. Assim, ao tocar, cheirar e saborear a mandioca, as crianças ampliaram sua compreensão sobre o alimento, ressignificando seu conhecimento e criando conexões entre o que vivenciaram e sua alimentação cotidiana.

Imagem 1: Criança inserida no contexto investigativo



Fonte: Autoria própria (2025).

As atividades práticas, como descascar, cortar, ralar e cozinhar a mandioca, promoveram o desenvolvimento da coordenação motora fina e possibilitaram que as crianças experimentassem diferentes texturas e sabores, aprofundando sua percepção sensorial. Além disso, ao relacionar a mandioca à cultura dos povos originários, o projeto ajudou na construção de uma identidade multicultural, reforçando o respeito e a valorização dos saberes tradicionais. Como destaca Freire (1996), o conhecimento se fortalece quando dialoga com a realidade vivida, permitindo que o aprendiz se reconheça como sujeito ativo no processo educativo.

Observação, pesquisa e registro: o pé de mandioca como experiência de investigação ativa

Dentro do percurso investigativo sobre a mandioca, uma vivência significativa foi o momento dedicado à observação detalhada e ao registro artístico do pé de mandioca. As crianças foram incentivadas a observar com

atenção a planta viva, percebendo suas cores, formas, texturas e dimensões. Em seguida, realizaram o registro por meio da pintura, utilizando diferentes materiais como guache, pincéis e as próprias mãos, permitindo uma aproximação sensorial e expressiva com o objeto de estudo.

A atividade de pintura foi mais do que uma produção artística: constituiu-se como uma ferramenta de pesquisa e construção de conhecimento. Segundo Vygotsky (2007), a criança aprende de forma mais eficaz quando tem a oportunidade de interagir ativamente com o objeto de pesquisa, construindo significados a partir da mediação com o outro e com o ambiente. Ao observar e registrar o pé de mandioca, as crianças expressaram suas percepções e interpretações, exercitando a observação e a atenção aos detalhes, ao mesmo tempo em que desenvolviam habilidades cognitivas, emocionais e motoras.

Esse registro visual está em consonância com a proposta da BNCC (2018), que valoriza a escuta, a sensibilidade, a criatividade e a expressão das crianças por diferentes linguagens. Além disso, ao dar visibilidade às suas produções, pudemos acessar o olhar singular de cada criança sobre a planta, fortalecendo a valorização da sua autoria e a construção de sentido a partir da experiência vivida.

De acordo com Dewey (1959), a aprendizagem ocorre quando há uma conexão real entre o que se vive e o que se aprende. Ao transformar a planta observada em pintura, as crianças materializaram o conhecimento adquirido de forma concreta e significativa.

A observação e o registro, portanto, foram estratégias fundamentais para consolidar a aprendizagem, promovendo uma experiência estética, científica e afetiva. Essa abordagem integrou arte e ciência, ampliando o repertório das crianças e permitindo que se apropriassem do conhecimento por meio da vivência e da criação.

O Varal da Cultura: explorando a cultura dos povos originários

A criação do “Varal da Cultura” foi uma estratégia pedagógica para ampliar a compreensão das crianças sobre os povos originários, suas tradições e seus modos de vida. A utilização de imagens, lendas e histórias foi essencial para proporcionar uma visão mais ampla e contextualizada, permitindo que as crianças percebessem a diversidade cultural presente no Brasil. Segundo Nascimento (2014), a literatura infantil tem um papel

fundamental na desconstrução de estereótipos e na construção de uma imagem mais realista e respeitosa sobre os povos originários.

A contação de histórias, inspirada na oralidade presente nas culturas dos povos originários, possibilitou uma aprendizagem significativa e interativa. Conforme aponta Bruner (2001), a aprendizagem por meio de narrativas favorece a construção de sentidos e o desenvolvimento da linguagem, estimulando o pensamento crítico e a criatividade das crianças. O envolvimento delas na pesquisa sobre os povos originários também contribuiu para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes sobre a importância da diversidade cultural e do respeito às diferenças.

Além da exploração de narrativas, as crianças participaram da preparação de alimentos típicos, como a mandioca cozida, integrando a vivência teórica ao cotidiano escolar. Essa abordagem fortalece a ideia de que a cultura não se aprende apenas nos livros, mas também na prática e na experiência vivida, conforme defende Dewey (1959), ao destacar que o aprendizado deve estar conectado à realidade do aprendiz.

Brinquedos e brincadeiras indígenas: resgatando a tradição cultural

A introdução de brinquedos e brincadeiras dos povos originários no projeto possibilitou um resgate cultural valioso, promovendo a interação entre as crianças e o contato com diferentes formas de brincar. O envolvimento das famílias nesse processo reforçou a importância do aprendizado colaborativo, permitindo que as crianças compreendessem a cultura dos povos originários de maneira mais afetiva e significativa. Como argumenta Vygotsky (1998), a brincadeira desempenha um papel essencial no desenvolvimento infantil, pois possibilita a experimentação de papéis sociais, a elaboração de significados e a construção coletiva do conhecimento.

A confecção de brinquedos, como bilboquê, chocalhos e objetos típicos indígenas, aliada à prática de danças e cantos tradicionais, favoreceu a ampliação do repertório cultural das crianças, estimulando a criatividade e a expressão corporal. Além disso, essas atividades contribuíram para o desenvolvimento da coordenação motora e da socialização, proporcionando momentos de interação lúdica e colaborativa. De acordo com Brougère (1998), o brincar é uma forma privilegiada de aprendizagem, pois permite que a criança se aproprie dos conhecimentos culturais de maneira

espontânea e prazerosa.

Ao vivenciarem jogos e brincadeiras dos povos originários, as crianças foram estimuladas a perceber diferentes formas de interação social, fortalecendo a empatia e o respeito pelas diferenças culturais. A valorização dessas práticas na Educação Infantil é essencial para a construção de uma sociedade mais plural e inclusiva, onde todas as culturas possam ser reconhecidas e respeitadas.

O Jardim de Chás: cultivando sabores e saberes

A criação do “Jardim de Chás” foi uma prática pedagógica que possibilitou a aproximação das crianças com os conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais, promovendo uma conexão direta com a natureza. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), o contato com elementos naturais na infância contribui para o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e do respeito pelo meio ambiente.

O plantio, o cuidado e a colheita das ervas fortaleceram a percepção das crianças sobre a importância das plantas para a saúde e o bem-estar, relacionando o aprendizado com práticas tradicionais dos povos originários. Além disso, o envolvimento das funcionárias responsáveis pela alimentação da escola na utilização das ervas ampliou o caráter comunitário do projeto, incentivando uma alimentação mais consciente e sustentável. Como destaca Carvalho (2012), a educação ambiental deve estar integrada ao currículo escolar desde a infância, para que as crianças desenvolvam um olhar mais crítico e participativo sobre as questões ambientais.

A experiência prática do plantio permitiu que as crianças compreendessem a relação entre os seres humanos e a natureza de forma mais afetiva e significativa. Segundo Capra (2006), a educação deve estimular a percepção de que todos os seres vivos estão interligados, promovendo uma visão sistêmica do mundo. Dessa forma, o “Jardim de Chás” não apenas proporcionou aprendizagens sobre botânica e alimentação, mas também reforçou a importância do cuidado com o meio ambiente e do respeito aos saberes tradicionais.

Conclusões

O projeto “A Cultura e as Vivências dos Povos Originários na Educação Infantil: Investigando e Ampliando Repertórios” proporcionou uma experiência educativa enriquecedora, promovendo um aprendizado significativo e ampliando o repertório cultural das crianças. Ao integrar conhecimento teórico e prático, a iniciativa não apenas favoreceu o desenvolvimento social, emocional e cognitivo dos pequenos, mas também incentivou o respeito à diversidade e à valorização do saber tradicional, aspectos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A vivência da cultura dos povos originários, mediada por experimentação, brincadeiras e exploração sensorial, permitiu que as crianças estabelecessem conexões afetivas com os conhecimentos compartilhados, tornando o aprendizado mais autêntico e envolvente. Além disso, ao entrar em contato com diferentes formas de viver, pensar e se expressar, os alunos foram estimulados a refletir sobre sua própria identidade e sobre a importância do respeito às diferenças.

Essa abordagem pedagógica não apenas potencializa o desenvolvimento individual das crianças, mas também fortalece o senso de pertencimento e a valorização da diversidade cultural no ambiente escolar. Ao promover a pesquisa, onde as crianças estão explorando, convivendo, descobrindo, o projeto estimula a construção de cidadãos críticos, conscientes e empáticos, preparados para interagir de forma respeitosa e colaborativa em uma sociedade marcada pela diversidade e em constante evolução.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1998.

BRUNER, J. **Atos de significado**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas**

vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental:** a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2012.

DEWEY, J. **Experiência e educação.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NASCIMENTO, M. **A Cultura Indígena na Educação Infantil:** Perspectivas e Práticas. São Paulo: Editora Pedagógica, 2014.

VIGOTSKI, L. S. **Formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.